



CAMINHOS PERCORRIDOS NA EDUCAÇÃO: FORMAÇÕES QUE TRANSFORMARAM MINHAS AÇÕES

Raimunda de Souza Rodrigues¹

Samara Oliveira de Magalhães²

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Meu nome é Raimunda de Souza Rodrigues, tenho 43 anos, nasci em Manaus, filha de Edilson dos Santos Rodrigues, pedreiro, e de Maria Zilda Souza Rodrigues, dona de casa, analfabeta, mas que sempre priorizou os estudos de todos os filhos. Tenho três irmãos homens de pai e mãe, e uma irmã mais velha, que biologicamente é filha de meus avós maternos e registrada por eles, mas criada pela minha mãe desde o primeiro ano de vida.

Sempre fui uma pessoa muito tímida e reservada, não gostando de me expor. Tive uma infância feliz, rodeada de muito amor e cuidado, criada nos preceitos da Igreja Católica. Desde pequena fui dedicada aos estudos, nunca repetindo de ano, meu maior passatempo sempre foi a leitura e não costumo deixar que as dificuldades me afetem por muito tempo, busco viver o momento presente.

Estou casada com Haurçu Pereira há oito anos no civil e no religioso, o que para mim foi uma questão de honra, pois fui criada dentro dos preceitos da igreja católica e sempre almejei casar de véu e grinalda. Ele quis procrastinar, adiando a cada mês, mas fui firme e ele cedeu, até porque participamos das atividades da igreja

¹ Pedagoga da Escola Lígia Mesquita Fialho. Aluna do Curso de especialização em Gestão de Projetos e Formação Docente, ofertado pela Universidade do Estado do Amazonas em parceria com a Secretaria Municipal de Manaus. E-mail:

raimunda.rodrigues@semed.manaus.am.gov.br

² Professora Doutora da Secretaria Municipal de Educação de Manaus, formadora do projeto Oficinas de Formação em Serviço da Secretaria Municipal de Manaus e da Especialização em Gestão de Projetos e Formação Docente, orientadora deste trabalho. E-mail: samara.carneiro@semed.manaus.am.gov.br



e para acompanharmos o grupo de jovens, precisaríamos ser casados. Costumo dizer que ele casou comigo por causa do trabalho com a juventude e não só por mim.

Somos salesianos cooperadores, que trabalham em prol do bem-estar da juventude, seguindo os ensinamentos de Dom Bosco. E desse modo, vamos criando nossa filha, Maria de Fátima, que tem cinco anos de idade, ensinando os preceitos da igreja e principalmente o amor e o temor à Deus.

Trabalho como pedagoga na Escola Municipal Prof.^a Lígia de Mesquita Fialho há sete anos. A escola atende estudantes do 1º ao 5º ano do ensino fundamental I e está localizada no bairro Ouro Verde – Coroado, na Zona Leste de Manaus. O perfil de nosso público é caracterizado por famílias em sua maioria com o nível de escolaridade do ensino fundamental incompleto, moram de aluguel, famílias compostas, em média, de três a cinco pessoas, em que apenas um trabalha, possuindo renda de um salário mínimo, mais o auxílio do bolsa-família, na maioria dos casos.

Neste cenário, no ano de 2020, tive a possibilidade de participar da Especialização Gestão de Projetos e Formação Docente, uma importante oportunidade para toda equipe pedagógica da escola, levando em consideração que alguns professores não tinham condições de pagar um curso de Especialização.

No decorrer deste memorial destacarei experiências vividas desde o início de minhas atividades na Educação, os caminhos que percorri para ser a profissional que sou hoje e minhas vivências com essa formação continuada em serviço, que se tornou um marco dentro do cotidiano escolar em que estou inserida. Ao escrever este memorial refleti e percebi as transformações ocorridas ao longo de meu processo formativo.

Caminhos da docência



Cresci ouvindo as pessoas dizerem que eu deveria ser professora, o que não me animava muito, ainda era uma adolescente e não tinha muitas expectativas do que queria como profissão. Ao terminar a oitava série, precisei escolher, então optei por me inscrever num curso profissionalizante, no antigo Centro Federal de Educação Tecnológica - CEFET, como muitos colegas da turma. Infelizmente não passei na prova, apesar de ter estudado; tinha dificuldade em química e física, percebi que não daria certo. A escola que ainda estava aceitando inscrição era o Instituto de Educação do Amazonas (IEA). Sem outra opção, e por ter facilidade em Língua Portuguesa, fui aprovada no curso de Magistério.

Minha primeira experiência com a docência foi nos estágios periódicos do curso. Naquela época, eu era uma adolescente que gostava de ajudar as crianças a aprender a ler e escrever. Esse contato direto com os estudantes foi importante, pois percebi que conseguiria fazer isso, porém, tomei ciência que não tinha menor habilidade para atividades manuais, como fazer cartazes.

Concluí o ensino médio em 1997, um ano depois, dei aula particular para um menino que estava quase reprovado em Português, precisava tirar no mínimo oito pontos nos dois últimos bimestres para passar de ano. Ele tinha falhas de alfabetização, porque escrevia palavras erradas, percebi como o processo inicial da escrita precisa ser bem trabalhado, pois segundo Soares (2003, p.23), “Letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno”. A criança precisa aprender a leitura e a escrita, com situações relacionadas às situações sociais de seu cotidiano, para que façam sentido a ela.

Em 2001, fui contratada para trabalhar em uma escolinha da igreja católica Santa Catarina de Sena, no bairro de Petrópolis, onde iniciei com uma turma de Educação Infantil. Isso foi desafiador para mim, pois não tinha vivência com crianças



pequenas, contudo, esta experiência me mostrou a capacidade de aprendizagem que elas podem desenvolver nesta fase.

No ano de 2004, fui estudar pedagogia na Escola Superior Batista do Amazonas (ESBAM), por meio de uma proposta que o padre à época diretor nos ofereceu: pagar a faculdade em vez de aumentar o salário. Desse modo, iniciei o curso que era direcionado à orientação e supervisão escolar; como optei por não fazer complementação para sala de aula, me tornei pedagoga por formação.

Logo após a formatura no final de 2007, recebi um convite de uma colega para substituí-la como pedagoga em uma creche espírita na Cidade Nova, essa foi minha primeira experiência, me trouxe outra realidade, pois vinha de sala de aula. E lá percebi que estar nessa posição exige uma postura diferenciada, porque os professores sempre esperam algo de nós e estão atentos ao que falamos. Desse modo, percebi que precisava ganhar mais confiança e acreditar no meu potencial, uma vez que tinha medo de dizer não e isto me deixava insegura em certas decisões que precisava tomar.

No ano de 2008, me inscrevi para o concurso de pedagogos, estudei muito e fui aprovada. Em 17/04/2008 tomei posse na Secretaria Municipal de Educação de Manaus como pedagoga, em uma escola de Educação Infantil da Zona Norte chamada Elson Farias, onde tive meu primeiro impacto, pois assim que me apresentei, a diretora me olhou e disse que lá não tinha vaga, que eu deveria voltar no dia seguinte, pois ela iria resolver na sede a minha situação.

No dia seguinte ao retornar, a diretora me entregou outro memorando, dizendo que eu iria ficar no Centro Municipal de Educação Infantil - CMEI só pela manhã; à tarde teria que me apresentar em outra escola próxima, chamada Miguel Arraes, que atendia de 1º ao 5º ano; fiquei intrigada com a situação, mas preferi acatar a decisão por acreditar sempre nos desígnios de Deus.



Chegando à Escola Miguel Arraes, a recepção foi totalmente diferente, pude vivenciar um ambiente escolar receptivo. Neste dia estava acontecendo uma mostra pedagógica e a diretora me levou para conhecer toda a escola e os professores. Naquele momento senti que ali iria aprender e desenvolver meu potencial profissional, o que acabou se tornando uma verdade, pois o trabalho junto à diretora e à equipe escolar foi minha base para a construção da pedagoga que hoje me tornei. Guardo essas pessoas no coração.

No CMEI Elson Farias, também pude explorar meu lado voltado à gestão, pois quase sempre estava só com professores e alunos, e precisei aprender a gerir a escola em todos os sentidos, o que foi muito relevante nos primeiros anos de profissão, conseguindo desta forma, o respeito da diretora, que até então não acreditara nas minhas habilidades por me achar jovem aparentemente, mas como falei antes, Deus sabe todas as coisas.

Nessas escolas permaneci dois anos e meio, devido a uma troca de direção na Escola Miguel Arraes, precisei falar com o subsecretário, porque não consegui resolver meu caso em nenhuma outra instância, quando me propus ir para Escola Profª Lígia Mesquita Fialho no bairro Ouro Verde, aceitei de prontidão, pois minha avó morava nesse bairro e aqui estou até a presente data.

O meu primeiro dia na escola Lígia Mesquita foi bem inusitado: ao me apresentar à diretora que já era a professora Marilza Sampaio, ela quase desmaiou e me abraçou ao saber que eu seria a pedagoga que iria trabalhar com ela, nos dois turnos. Apresentou-me a todos, fiquei impressionada com a equipe e com o clima da escola, uma vez que senti a harmonia do grupo, me senti bem acolhida e fui consolidando meu perfil profissional e aprendendo cada vez mais sobre a importância de um pedagogo no ambiente escolar.

A SALA DE AULA COMO TERRITÓRIO DOCENTE



Fui construindo meus caminhos na docência e profissionalmente sempre atuei na educação. Minha primeira experiência em sala foi na educação infantil, com uma turma de quatro anos de idade, enfrentei muitos desafios, pois nessa época tinha 21 anos e no primeiro dia confesso que tive vontade de sair correndo, havia muitas crianças chorando e chegando ao mesmo tempo, foi assustador.

Felizmente as demais professoras com mais experiência, me ajudaram e deram o suporte necessário para que eu conseguisse me organizar, deram dicas valiosas que me permitiram ir ganhando segurança no trabalho, às vezes me pegava impressionada com a confiança que as crianças depositam na sua professora, que até mesmo ultrapassa a dos pais.

Percebi que a educação infantil é fundamental para o desenvolvimento de uma criança, mas é pouco valorizada, e principalmente, não é para qualquer professor; é necessário amor e dedicação a essa faixa etária, para alcançar o objetivo de educar, cuidando, pois de acordo com Currículo Escolar Municipal (CEM, 2020, p. 88) a “Educação Infantil é um espaço e lugar de brincar. De educar. De cuidar. De oferecer oportunidades para a criança se reconhecer no mundo e encontrar nele diferentes formas de se relacionar”, e por isso ser professor da Educação Infantil é para todos.

Também, atuei em uma turma de alfabetização, foi o ápice para mim, uma vez que podia testemunhar o brilho nos olhos das crianças quando começavam a aprender a ler e escrever, ali me senti mais tranquila para trabalhar, pois os estudantes já não eram tão dependentes. Atuar na sala de aula foi uma experiência fundamental para entender que, apesar das interferências administrativas que chegam à escola o tempo todo, é ali que verdadeiramente acontece o processo educacional.

Com esse pensamento é que fui desenvolvendo meu perfil enquanto pedagoga, sempre buscando dar suporte aos professores para que consigam ter condições mínimas de focar apenas nas atividades de sala de aula, pois compreendo bem como



o trabalho burocrático dificulta o cotidiano escolar, concordando com Libâneo (2003, p. 293), quando diz que,

a organização escolar imprescindível é a que melhor ajuda no trabalho do professor, existindo uma interdependência entre os objetivos e as funções da escola, na qual a organização e a gestão contribuem para se alcançar as finalidades do ensino.

Desde que assumi o cargo de pedagoga na SEMED, meu trabalho é direcionado ao acompanhamento das práticas dos professores, bem como da aprendizagem dos alunos; tento acompanhar de perto para conseguir ter a percepção de como está se dando todo o processo de ensino e aprendizagem nas turmas. Atendendo ao Regimento Geral das Escolas Municipais de Ensino de Manaus, Artigo 111, afirmando que “ao pedagogo compete planejar, coordenar, desenvolver, acompanhar e avaliar as atividades relacionadas ao processo ensino-aprendizagem”, atribuições importantes no processo de ensino e aprendizagem.

Também existem as demandas de relatórios e rendimento escolar, bimestralmente, que necessitam de verificação semanal para o cumprimento das datas. Toda essa dinâmica, às vezes, exige muito e se torna cansativa. Por isso é necessário priorizar algumas demandas. No meu caso, busco favorecer o acompanhamento junto aos professores e as demais vou organizando por períodos, para poder dar conta do serviço.

É engraçado como o conhecimento adquirido na faculdade pouco nos ajuda quando estamos diante dos desafios escolares, pois são realidades distintas, o conhecimento teórico não nos prepara para a realidade enfrentada. Eu por exemplo, se não tivesse a experiência prática de sala de aula, teria muitas dificuldades em auxiliar os professores, tanto com relação a diários, quanto a estratégias de ensino, e até mesmo em situações cotidianas que envolvem os estudantes.

Muitas vezes, são encaminhados relatórios e formulários para que os docentes enviem em um tempo mínimo, sem que eles tenham um horário disponível dentro de sua carga horária de trabalho, sendo documentos que necessitam de leitura e atenção



para seu preenchimento. Aí entra minha intervenção, facilitando esses processos, para que os professores foquem no que é primordial, que é atividade em sala de aula.

Busco minimizar essa interferência sempre que possível, orientando, colhendo dados e interagindo com relação ao processo de aprendizagem de cada turma, pois desse modo, consigo ter um bom acompanhamento, evitando que os professores se ausentem de suas turmas, desnecessariamente, ao filtrar muitas informações.

Percebi que, assim como a relação professor-aluno é fundamental para o processo ensino-aprendizagem, a relação entre pedagogo e professor é de extrema importância para o bom desempenho de ambos dentro do espaço escolar, e que quanto mais se pode fortalecer esse vínculo, mais resultados positivos serão alcançados.

Outro fator imperativo enquanto pedagoga, é sobre o relacionamento com a gestão escolar, que está intimamente ligada à minha prática e que em alguns momentos se confunde. A integração entre as duas funções se torna peça chave para o bom desempenho de toda equipe escolar e para isso ocorrer, devemos exercer cotidianamente a escuta ativa e o diálogo constante para ajustar as atribuições de nossa rotina profissional.

Desde que entrei na SEMED trabalhei com quatro diretores diferentes, cada um com suas peculiaridades, que proporcionaram conhecimentos para a profissional que sou, assim como para a equipe docente; é preciso que haja a parceria e a compreensão entre todos, pois há momentos em que é necessário delegar funções, para que ninguém fique sobrecarregado. E ter ciência que cada um tem suas responsabilidades e podem contribuir com o grupo como um todo.

Os desafios são diários, cada dia na escola é uma realidade diferente, tanto com os alunos, quanto com a equipe da escola em si, mas uso do diálogo e da paciência para as situações que não dependem apenas de nós para serem resolvidas. Geralmente as professoras me repassam situações relacionadas a problemas de



aprendizagem dos alunos; com isso faço encaminhamentos para os órgãos competentes e ligações para que os responsáveis compareçam à escola para conversarmos, averiguarmos o que está acontecendo e o que pode ser feito.

Assim, tenho percebido que o grande gargalo em nosso trabalho está na falta de acompanhamento da família, pois não dão a devida importância para a educação de seus filhos, nem mesmo enviando-os para a escola. Esses dados ficam claros nos registros de reunião de pais e diários de frequência das turmas, tornando cada vez mais difícil, conseguir alcançar as metas enviadas pela SEMED.

Mesmo com todas as dificuldades advindas do cotidiano escolar, não consigo me ver atuando em outra área, pois sempre que conseguimos perceber o desenvolvimento de uma criança ao longo do seu percurso educacional nos cinco anos em nossa escola, sinto uma sensação incrível de dever cumprido.

Outro ponto importante quanto às compreensões da minha prática é a flutuação das informações advindas da secretaria, que mudam muito rápido, não permitindo a sequência do desenvolvimento das atividades, causando transtorno ao fazer diário da escola, no que diz respeito ao serviço burocrático.

Estou sempre lendo os documentos enviados pela SEMED para o embasamento de minha prática diária por meio do currículo escolar, decretos, orientações pedagógicas e outros, para que assim possa desenvolver as atividades que me são exigidas de acordo com o solicitado e para que consiga informar aos professores de modo satisfatório, obtendo assim, melhores resultados enquanto equipe pedagógica escolar. Acredito que é importante estarmos nos atualizando nesse sentido e participando das formações direcionadas às questões pedagógicas de nosso nível de ensino.

TRAJETÓRIAS NA FORMAÇÃO CONTINUADA



Pensando em aprimorar meus conhecimentos, no último ano do curso de pedagogia resolvi fazer um curso de Pós-graduação em Psicopedagogia, pela Universidade Gama Filho, com polo nas Escolas IDAAM, em que pude compreender melhor as questões ligadas às dificuldades de aprendizagem e a importância da psicomotricidade no processo de alfabetização.

Durante o curso pude perceber como o processo de ensinar exige uma grande capacidade de entendimento do ser humano, uma vez que existem vários fatores que interferem nessa ação, e que transmitir conteúdos não pode ser uma atitude meramente passiva, como alerta Nascimento (2013, p. 3), ao ressaltar que, “a Psicopedagogia Institucional se propõe a analisar a instituição educacional como um todo, sujeitos que a compõe, metodologias de trabalho, currículo, a fim de auxiliar no sucesso educacional”, a educação requer a capacidade de compreensão do homem, em sua integralidade.

Nesse sentido, o meu trabalho de conclusão de curso envolveu os conceitos de afetividade e aprendizagem significativa, na relação professor e aluno. Aprofundar o estudo sobre esses aspectos possibilitou entender melhor como a aprendizagem perpassa por esses dois atores, e perceber que, quando esse elo não se consolida, fica mais distante o sucesso escolar do estudante do trabalho realizado pelo professor. Por meio dessa formação conheci a obra dos escritores Libâneo, Wallon, Vygotsky, Freire e Antunes, que retratam bem essa realidade, que defendem a dimensão da afetividade no processo ensino-aprendizagem e apontam a ação do professor como fator determinante neste processo.

Depois desse momento, só voltei a participar de formações continuadas ao assumir o cargo de pedagoga na Secretaria Municipal de Educação. Na SEMED, tive a oportunidade de participar de formações continuadas na escola, na DDZ, na DDPM e na Sede. Uma das primeiras foi sobre o perfil do pedagogo na DDZ norte, pois a figura do coordenador pedagógico dentro das escolas era pouco difundida. Essa



formação me ajudou a compreender a dinâmica do trabalho e que o atendimento aos alunos e professores seria minha prioridade.

Cada momento formativo de que participei foi importante para o enriquecimento da prática pedagógica, mas em todas as esferas deixam a desejar no sentido de interligar as formações dos pedagogos às questões relacionadas aos docentes; às vezes me vejo perdida quando eles vêm tirar dúvidas de assuntos que só foram repassados a eles.

No decorrer desses anos, enquanto escola, tenho orientado estudos sobre os documentos norteadores da educação e as mudanças de nomenclaturas, que precisamos acompanhar. Os mais recentes foram voltados a Base Nacional Comum Curricular e o Currículo Escolar Municipal de Manaus, bem como as mudanças ocorridas na forma de avaliar as fases da leitura e da escrita. São temáticas sobre as quais preciso ter um conhecimento mais aprofundado, por estar relacionado diretamente ao que será desenvolvido durante o ano letivo.

Comumente as formações continuadas oferecidas tanto pela DDZ Leste I e Sede, vão ao encontro de suprir necessidades urgentes de mudanças que ocorrem a cada período dentro do processo de gestão a nível macro, como planilhas, formulários, novos programas e projetos, e até mesmo parcerias com outras secretarias que adentram o ambiente escolar, como área de saúde e meio ambiente.

São instruções que preciso absorver de imediato para que possa desenvolver na escola e dar retorno aos respectivos departamentos. Tais ações acabam exigindo muito de mim, uma vez que preciso me dedicar e fazer algumas leituras mais aprofundadas para compreender o que se está sendo pedido, para não cometer erros e não ser chamada à atenção. A esse respeito, Magalhães (2016, p.101) diz “que o pensamento reflexivo surge da necessidade de solucionar uma dúvida, colocando essa ação como elemento primordial que orienta o processo do pensamento



reflexivo”. Dessa forma, vou aprendendo a lidar com situações adversas e agindo com autonomia em minhas atividades.

Normalmente, me desdubro para aprender sobre as novas demandas, mesmo que não estejam diretamente ligadas ao meu serviço, mas que alguém na escola pode precisar daquela informação em algum momento, até porque é a mim que os professores vêm buscar orientações e respostas. Mesmo quando me apresentam algo novo, procuro aprender para auxiliá-los da melhor forma, portanto, estou em constante formação mesmo que informalmente, pois minha função exige e não gosto de ficar desinformada.

Gosto de estudar e participar das formações e quando foi confirmada a participação da escola no projeto OFS, vi como uma boa oportunidade para mim e para o grupo de professores. Conversei com todos individualmente para que entendessem a importância e a logística do projeto e assim foi feita a adesão do turno matutino, gerando expectativas em relação ao nosso avanço formativo e crescimento profissional.

PROJETO OFICINAS DE FORMAÇÃO EM SERVIÇOS/PÓS-GRADUAÇÃO EM SERVIÇO

A pandemia de Covid-19, foi um período de muita turbulência, algo que nem nos filmes mais utópicos eu podia imaginar. Diante desse cenário, me vi sozinha em casa com uma criança de três anos e eu sem nem saber como explicar porque não podíamos sair de casa. A solidão nos atormentava, estávamos longe da família, meu marido tinha que trabalhar normalmente e ao chegar em casa passar por todo o protocolo de higienização. Doía o coração ver minha pequena tentar correr para abraçar o pai e eu ter que impedir; nesses momentos pensava na família dos alunos que não tinham uma boa estrutura familiar e emocional, e que ainda estavam privados da alegria da escola.



Refleti o quanto a estrutura familiar é importante em nossa vida, estava longe de meus pais, que por serem idosos ficavam num isolamento mais severo ainda. A solidão desses momentos era quebrada pelo contato com minha equipe de professores. Quando iniciaram as aulas remotas, eles me pediam orientações o tempo todo e apesar de ter sido um trabalho muito estressante, tive que me adequar às atividades domésticas e profissionais ao mesmo tempo, mesmo assim eu e meus colegas conseguimos ter bons momentos de convivência, afinal sentimos falta do contato, do abraço, das brincadeiras, de nos encontrar.

Após o início do trabalho remoto na escola, também começamos o curso de Especialização em Gestão de Projetos e Formação Docente, foi desafiador, pois eu não tinha internet na minha casa, apenas no celular e as mensagens da escola não paravam de chegar, o que me deixava muito inquieta por não poder participar na íntegra. Mas ao perceber a dedicação e a preocupação das formadoras em nos acolher e nos deixar tranquilas no decorrer do percurso, me senti acalentada, o que era mais preocupante e me deixava ansiosa era pensar como daria conta de me organizar, vivendo aquele cotidiano de trabalho intenso, sem faltar com as atividades do curso.

Na primeira aula a formadora pesquisadora Eglê Wanzeler nos explicou como o curso aconteceria, de sua organização em módulos, sendo a primeira etapa da pesquisa; o epistemológico; metodológico e o experiencial. Após as explicações mais detalhadas sobre todo o processo, falamos um pouco como estava sendo nosso dia a dia no trabalho remoto; naquele dia tive a noção do quanto as OFS poderiam contribuir para a melhoria da nossa equipe escolar. Foi uma manhã de resgate de cada um enquanto sujeito, estudante e de nos vermos como colegas de aula, um momento bem diferente de quando participamos de uma reunião corriqueira da escola, foi maravilhoso.



A partir de então, cada aula foi um momento único: tive a oportunidade de ouvir e compartilhar com os colegas as dificuldades do cotidiano escolar de uma forma diferente, uma oportunidade para mim enquanto pedagoga; compreendi melhor como os professores se sentiam no aspecto profissional e pessoal, uma dinâmica que unia a equipe e estreitava nossos vínculos.

Enquanto pedagoga, o curso teve uma especificidade em Gestão e Organização do Trabalho Pedagógico - GOTP. Lembro que durante a primeira conversa dirigida, na fase da pesquisa, eu estava num ritmo anormal, inquieta, querendo dar conta de mil atividades ao mesmo tempo e teve um momento que a formadora Samara, me disse para lembrar de respirar. A partir disso foi que tive consciência que precisava frear um pouco, que eu importava! Esse momento marcou toda minha caminhada com as OFS.

Essa atividade, da primeira conversa dirigida, iniciou com um pensamento sobre a importância da minha origem, como me constituí pedagoga e sobre a estrutura organizacional da escola. Para mim esse dia significou, além do que comentei antes, uma forma de permitir que eu refletisse sobre de onde eu vim e sobre onde estou agora, me senti valorizada de forma pessoal e profissional. Falar como me tornei pedagoga fez com que voltasse no tempo e revivesse fatos significativos e emocionantes, que me proporcionaram crescer em todos os sentidos da minha vida, senti orgulho de mim.

Em meio a todo o caos que foi vivenciado na pandemia, os encontros formativos me permitiam expressar as dificuldades enfrentadas, dando uma espécie de energia positiva, um gás para continuar. Poder ter um tempo para refletir minha prática foi imperativo, me permitiu manter o equilíbrio e voltar a ter mais controle do meu tempo de trabalho, uma vez que os pais dos estudantes não respeitavam os nossos horários.



A segunda conversa dirigida já aconteceu de forma presencial na escola. Foi trabalhada a questão das evidências, com alguns direcionamentos e dinâmicas, que me levaram a refletir o quanto essa palavra estava carregada para mim como cobrança, e durante as discussões consegui tirar mais esse peso dos meus ombros, o entendimento equivocado que as exigências burocráticas da secretaria estavam ocasionando. Aprendi, então, que uma evidência representa um fato concreto sobre situações vividas, sobre algo. Compreendi também, que o registro é importante para o enriquecimento das futuras ações, permitindo guardar a memória do que fiz, para ter como reavaliar, ressignificar o trabalho realizado.

De acordo com a teoria de Freire (2005, p. 01):

O registro permite romper a anestesia diante de um cotidiano cego, passivo ou compulsivo, porque obriga pensar. Permite ganhar o distanciamento necessário ao ato de refletir sobre o próprio fazer sinalizando para o estudo e busca de fundamentação teórica...O registro permite a sistematização de um estudo feito ou de uma situação de aprendizagem vivida. O registro é História, memória individual e coletiva eternizadas na palavra grafada.

O que ficou claro para mim durante a escrita deste memorial, pois precisei rever fotografias e temas trabalhados, que me trouxeram à memória recordações, vivências e sentimentos dos momentos já esquecidos.

Na terceira conversa dirigida, também realizada comigo e com a gestora na escola, nos foi questionado sobre como vivenciávamos, no ambiente escolar, a formação continuada, a interculturalidade e a educação inclusiva. A metodologia foi bem lúdica e visual, construímos juntas uma trilha de aprendizagens relacionando imagens e temáticas. Percebi que ainda era bem limitado meu entendimento sobre educação inclusiva, pois para mim era uma palavra relacionada apenas aos estudantes da Educação Especial. A esse respeito Stubbs (2008, p. 50), afirma que:

A educação inclusiva refere-se a uma vasta gama de estratégias, atividades e processos que visam tornar uma realidade os direitos universais para a qualidade, e uma educação relevante e adequada. Reconhece que a aprendizagem começa no nascimento e continua ao longo da vida, e inclui a aprendizagem em casa, a comunidade, em situações formais, informais e não formais. Procura permitir que as comunidades, sistemas e estruturas em



todas as culturas e contextos combatam a discriminação, celebrem a diversidade, promovam a participação e superem as barreiras da aprendizagem e participação para todas as pessoas. Faz parte de uma estratégia mais vasta para a promoção do desenvolvimento inclusivo, com o objetivo de criar um mundo onde exista paz, tolerância, uso sustentável de recursos, justiça social, e onde as necessidades básicas e direitos para todos se encontram.

Conhecer esse significado mais amplo me permitiu compreender o que envolve a educação inclusiva, que não diz respeito apenas às pessoas com deficiência, mas a todas as pessoas e culturas, combatendo a discriminação e defendendo o direito de estudar, participar das atividades e aprender. Desse modo, passei a orientar os professores para que tivéssemos um olhar mais sensível a todos os alunos, para que dentro de nossa possibilidade como professores, pudéssemos desenvolver o potencial e respeitar as limitações de cada estudante para que se sentissem acolhidos e aprendessem.

Essas reflexões foram importantes, uma vez que o número de venezuelanos em nossa escola é expressivo, além das outras diferenças existentes. Eu realmente precisava aprender mais para saber orientar meus professores sobre a diversidade existente em nossa escola e pensarmos como incluir essas diferenças, valorizando cada uma delas a partir das atividades escolares, pois como ressalta Alves (2011, p. 51) sobre o currículo escolar, “ a ideia de cultura curricular compreende quatro pilares centrais: o contexto, o professor, o conhecimento e os alunos”. Tirá-los do anonimato e compreender as diferenças como estratégia pedagógica seria um importante exercício para que transformássemos nossa escola e nossas práticas em menos excludentes.

Com a vacinação em dia e a melhora na pandemia, iniciamos os encontros coletivos de gestores e pedagogos na DDPM, finalmente nos conhecemos de forma presencial. Foram momentos de alegria, compartilhamento de experiências e aprendizagens importantes para mim, uma válvula de escape, em que podia expressar sentimentos e pensamentos, que nem eu tinha consciência de estarem em



mim, pois no cotidiano de trabalho dos pedagogos da SEMED não existe tempo para refletirmos sobre nossas práticas.

No primeiro encontro coletivo de gestores, houve a dinâmica do varal com as atribuições sobre a identidade do diretor e do pedagogo. Houve alguns estranhamentos por conta de algumas atribuições estarem entrelaçadas e um ficava empurrando um para o outro, e todos ali sabiam que existem situações bem delicadas na relação entre pedagogos e diretores em algumas escolas. No meu caso, felizmente, tenho uma ótima relação com a diretora, apesar das brincadeiras no momento da formação, no dia a dia da escola consigo administrar muito bem essas questões sobre o fazer de cada uma de nós, até porque muitas situações resolvemos em parceria, interagindo, respeitando uma o espaço da outra, nos comunicando e nos apoiando. Neste sentido Libâneo (2013, p. 91) defende que:

A gestão da participação implica a existência de uma sólida estrutura organizacional, responsabilidades muito bem definidas, posições seguras em relação às formas de assegurar relações interativas democráticas, procedimentos explícitos de tomada de decisões, formas de acompanhamento e de avaliação. Tais características da gestão da participação são competências próprias da direção e da coordenação pedagógica da escola.

Esse pensamento me fez compreender melhor que enquanto pedagoga também tenho responsabilidades na gestão da escolar, e que uma boa parceria, uma boa relação entre a dupla gestora possibilita manter a equipe coesa em prol dos mesmos objetivos, projetos e ações, ressaltando que na escola o sucesso de um é o sucesso de todos. Desse modo, como pedagoga, me esforço para estar próxima e colaborar com cada professor, cada turma, discutindo essas particularidades com a gestora, para que possamos traçar estratégias em busca do sucesso escolar.

Nossos encontros coletivos aconteciam nos dois turnos e ainda no primeiro encontro, participamos de um estudo de caso, sobre um caso não tão fictício de uma escola. Simulamos uma conversa entre pedagoga e gestora para resolver a situação problema em uma dinâmica chamada de aquário, que foi bem divertida. Refleti sobre a resolução do problema e as conversas difíceis comuns em nossas escolas, o que



me fez repensar quanto à importância do diálogo com a gestora e com a equipe de professores, no sentido de estabelecer vínculo de confiança, parceria, interação e uma comunicação clara e objetiva com nossos pares no ambiente escolar.

No terceiro encontro coletivo, a coordenadora pedagógica das OFS, Ana Cláudia foi convidada pelas formadoras para nos explicar antecipadamente sobre o que aconteceria no módulo metodológico, pois era necessário compreendermos e registrarmos como a formadora Rudervânia direcionaria a equipe escolar na construção da matriz problematizadora de nossa escola, pois se decidíssemos continuar trabalhando com a pedagogia de projetos, a equipe gestora seria responsável por coordenar esse movimento de forma coletiva e colaborativa.

Ficou clara a relação entre os princípios da gestão participativa e as próximas etapas do módulo metodológico: entendi que aquela matriz daria continuidade a pesquisa sobre a escola e suas reais necessidades, e que a partir dela também iríamos decidir que oficinas seriam mais necessárias para suprir as demandas formativas que precisávamos. Saí desse encontro com novos conhecimentos e segura do que iria acontecer e como poderia colaborar com os colegas na escola.

OFS: A CONSTRUÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO FORMATIVO

Durante a construção da matriz problematizadora na escola, a formadora Rudervânia, fez questionamentos sobre nosso contexto escolar, família, docência, gestão, após construirmos esses dados foram realizadas discussões e análises, em que conseguimos identificar as problemáticas mais críticas da escola, que foram psicomotricidade, alfabetização e Educação Especial.

Assim, foram pensadas seis oficinas de formação que pudessem subsidiar toda a equipe pedagógica com novos conhecimentos e práticas para minimizar as problemáticas enfrentadas no cotidiano escolar, que foram: A psicomotricidade e seu papel no desenvolvimento dos aspectos cognitivos, afetivo e motor dos estudantes;



Alfabetizar e letrar para as diferenças; Educação Especial, na perspectiva da educação inclusiva: diferenças e desafios no processo educativo; Psicomotricidade e a interdisciplinaridade: o papel do movimento como facilitador do processo ensino-aprendizagem; Alfabetizar na perspectiva da proposta curricular da SEMED: Teoria e prática e Escola contemporânea: acolher para incluir.

As oficinas foram realizadas por professores da SEMED, da UEA e da UFAM. A metodologia compreendia diálogos, envolvendo parte teórica, partilha de práticas e vivências com os professores, o que me fez atentar que durante todo aquele processo estávamos criando o currículo que a escola necessitava, pois em conformidade com o pensamento de Alves (2011, p. 51), “A ideia de cultura curricular compreende quatro pilares centrais: o contexto, o professor, o conhecimento e os alunos”, exatamente o que vivenciei no curso.

Foram momentos de ricas aprendizagens para todos nós, ao participar das oficinas de formação na escola, particularmente entendi que nossos estudantes apresentavam dificuldades nos aspectos cognitivos, afetivos e motor, e que, se o professor não conseguir identificar e intervir nessas lacunas, as dificuldades seriam agravadas, exigindo de nós uma atenção especial para aquele momento.

Após as oficinas de formação, iniciamos a elaboração do projeto formativo da escola. A formadora nos separou em pequenos grupos para definirmos que temáticas seriam mais importantes para as turmas de cada professor (a), nesse processo foram decididas algumas situações-problema como: estudantes com dificuldades de aprendizagem específicas; inclusão de estudantes com necessidades especiais; estudantes sem vínculo afetivo e significativo com a escola e com o ato de estudar.

Elaborar juntos o projeto formativo da escola foi uma experiência muito boa, aprendemos juntos cada etapa do projeto, a analisar os dados que construíamos e além do aprendizado sobre a pesquisa; eu pude conhecer detalhes sobre o cotidiano



dos professores e dos estudantes que fizeram toda a diferença no meu trabalho junto aos professores.

A respeito da escola que trabalha com projetos Alarcão (2004, p. 85), comenta que,

(...) uma escola que sabe onde está e para onde quer ir. Pensa-se, tem um projeto orientador de ação e trabalha em equipe. É uma comunidade pensante. Ao pensar a escola, os seus membros enriquecem-se e qualificam-se a si próprios. Nessa medida a escola é uma organização simultaneamente aprendente e qualificante.

Assim, a equipe escolar elaborou o projeto formativo com objetivo de desenvolver novas metodologias que impulsionem aprendizagens significativas aos seus estudantes, buscando o desenvolvimento integral do indivíduo, cujo tema foi: Aprendizagem significativa no desenvolvimento integral da comunidade escolar e seu papel dentro do processo ensino-aprendizagem, chegamos a essa temática após muitas conversas e orientações de nossa formadora, toda equipe estava bastante engajada.

Enquanto pedagoga houve momentos em que precisei colaborar diretamente com a construção do projeto formativo, pois percebi que a equipe estava perdendo o foco quanto às reais problemáticas da escola. Isso me fez perceber que é indispensável a participação dos gestores nesse processo, por termos uma percepção mais geral da escola como um todo, o que ajudou na escolha dos projetos de aprendizagem interdisciplinar dos professores.

Essa dinâmica coletiva em que todos colaboram e participam, me trouxe mais confiança em meu próprio trabalho, autoestima e autonomia também. O trabalho com o projeto formativo da escola me emancipou e, como aprendemos durante o módulo epistemológico, descolonizou meu pensamento.

A esse respeito Wanzeler (2021, p. 1079), diz que

(...) é preciso pensar em como descolonizar os currículos de formação de professores (as) rompendo com a lógica da colonialidade e suas estratégias de dominação política, cognitiva e afetiva, que impõe nos processos formativos valores, ideias, pensamentos que, em certa medida, desqualificam as experiências docentes nas escolas, desprezando a lógica dos sujeitos,



seus saberes, suas artes de ser, fazer, viver e sentir nos dias cotidianos (Alves, 2019).

A experiência com as OFS nos trouxe essa consciência, nos fez pensar e agir de acordo com as reais necessidades curriculares de nossos estudantes, nos devolvendo a autonomia, confiança em nosso trabalho docente e nos formando como pesquisadores de nossas práticas.

AS OFS E A CONSTRUÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO PLANO DE AÇÃO DA GESTÃO E ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO

Na perspectiva de ser uma pedagoga pesquisadora de minha prática, no decorrer das duas oficinas formativas da equipe da GOTP com as temáticas: Planejamento da Equipe Gestora e A Organização do Trabalho Pedagógico Democrático e Inclusivo, adquiri uma nova visão enquanto pedagoga, a de ser responsável juntamente com a diretora por coordenar os momentos formativos no ambiente escolar.

Nesse sentido, as duplas gestoras das escolas foram orientadas pela equipe da GTOP, a participar e realizar registros de como nossa formadora conduziria a equipe escolar na elaboração e execução do projeto formativo da escola e dos projetos de aprendizagem. Era importante para que eu e a diretora compreendêssemos como realizar esses processos e ações de forma coletiva e colaborativa.

Para acompanhar e colaborar com nossa formadora e os professores no decorrer do planejamento e prática dos projetos de aprendizagem, elaboramos o plano da gestão e organização do trabalho pedagógico, que nos ajudou a organizar as ações necessárias para atender a necessidade de cada professor, levando em consideração o enriquecimento do seu fazer pedagógico, favorecendo a aplicação do projeto em sua sala de aula.



Eu e a diretora discutimos sobre como iríamos organizar o plano de ação e lembramos que era importante priorizar o diálogo com nossa formadora para planejarmos as estratégias de como realizaríamos o acompanhamento dos projetos de aprendizagem. A conversa com a formadora foi o mais acertado, pois pude me organizar de acordo com o cronograma que ela criou para acompanhá-la na orientação de cada professor (a), possibilitando conhecer as temáticas que iriam ser desenvolvidas com cada turma e os recursos que iriam precisar, os quais eram providenciados pela diretora.

No decorrer do acompanhamento dos projetos de aprendizagem com os docentes, percebi que ainda demonstravam um pouco de insegurança quanto a dinâmica de projeto em si, algumas vezes precisei estar mais próxima, intervindo no planejamento e sugerindo ações, sempre com a formadora nos orientando.

Auxiliar os professores já era algo do meu cotidiano profissional, mas nesse dia tive consciência de que nem sempre precisaríamos de outro profissional para direcionar nossas ações, pois com o curso e nossas aprendizagens, passamos a valorizar o conhecimento dos cotidianos da escola, a refletir sobre nossas práticas, nos sentindo pesquisadores, com capacidade para identificar e solucionar as problemáticas existentes, no que diz respeito ao ensino e aprendizagem, uma vez que possuímos um quadro de profissionais competentes e comprometidos em nossa equipe escolar.

A respeito da coordenação pedagógica Libâneo (2022, p.11) afirma que:

[...] ela visa ao entendimento, global e intencionalmente dirigido, dos problemas educativos e, para isso, recorre aos aportes teóricos providos pelas demais ciências da educação. Por sua vez, pedagogo é o profissional que atua em várias instâncias da prática de transmissão e assimilação de saberes e modos de ação, tendo em vista objetivos de formação humana previamente definidos em sua contextualização histórica.



Dessa forma, venho construindo uma relação de cooperação com o corpo docente, tanto que posso dizer que me tornei um ponto de apoio e segurança para eles, e sempre que encontram dificuldades nas ações da escola me procuram, com a certeza de que tentarei ajudar para juntos buscarmos a melhoria do trabalho pedagógico da escola.

Participar mais ativamente das mediações entre a formadora e os docentes foi enriquecedor, embora conheça a capacidade de cada professor, senti que nesse momento eles tiveram mais direcionamento no desenvolvimento de suas práticas em sala de aula, percebendo que todo fazer pedagógico busca a produção do conhecimento. Como afirma Ferreira (2008, p. 178):

Pedagógico é todo o pensar-agir da escola com o intuito de produzir conhecimento. Porém, não é pedagógico o pensar-agir, embora muito bem organizado, incoerente com a expectativa de produção do conhecimento dos sujeitos da aula. Percebe-se, então, não haver como dissociar uma concepção de pedagógico do espaço, do tempo e do trabalho realizado pela escola. Pedagógico é a articulação desses fatores, objetivando a produção do conhecimento. Afinal, se os sujeitos estudantes ingressam na escola é porque intencionam aprender. E aprender é um complexo movimento de linguagens em interlocução, subjetividades em interação e historicidades que se entrelaçam, no intuito de ampliar as compreensões do mundo, inserirem-se, cada vez mais, na cultura e “genteificar-se” ainda mais.

Construir conhecimentos entrelaçados com a cultura no sentido de nos humanizar, foi o que ocorreu em nossa Mostra de Aprendizagem Transdisciplinar, em que foram apresentados o plano de ação da gestão e organização do trabalho pedagógico por meio de banner elaborado por mim e pela diretora, que teve o objetivo de nos fazer participar dos processos de elaboração e execução do projeto formativo da escola e dos projetos interdisciplinares de cada professor, tornando visível as ações da dupla gestora no ambiente escolar, uma vez que, na maioria das vezes, essas ações ficam apenas nos bastidores, mas que precisam ser expostas para que todos sejam valorizados em seu fazer.



Os projetos de aprendizagem foram apresentados nas salas, com a presença dos pais e da comunidade, a escola estava cheia de vida, em festa, as crianças e seus professores satisfeitos com as aprendizagens alcançadas por eles e seus professores. Foi um dia de gratidão por todo o caminho percorrido, me deixou muito satisfeita e feliz.

Acredito que nesse dia dei início ao meu memorial, pois a mostra nos fez rememorar todo o processo formativo vivido por meio das pessoas presentes e pelas fotografias de nossos últimos encontros formativos da disciplina Metodologia da Pesquisa que nos orientou na construção de cada etapa deste memorial acadêmico, nos possibilitando iniciar a produção do texto dissertativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Participar da formação em serviço foi uma experiência gratificante desde o início. Tudo era uma novidade, pela primeira vez tive acesso a um curso dessa magnitude, realizado dentro do espaço escolar, com essa estrutura e organização, me senti privilegiada por essa oportunidade.

Como pedagoga, acompanhei desde as primeiras reuniões e orientações para participar do processo seletivo e demais formalizações das OFS com a escola, e a cada etapa a equipe ficava ansiosa para verificar se realmente iria acontecer, tínhamos dúvidas até acontecer a primeira aula: se realmente o curso iria acontecer e como funcionaria na prática, alguns professores não acreditavam que a SEMED permitiria que eles ficassem quatro horas de efetivo trabalho, fora de sala para estudar.

Durante esse percurso vivi situações difíceis e enfrentei diferentes desafios com a Pandemia da Covid-19 e o acúmulo de atividades de trabalho advindas da secretaria, o que me fez pensar em desistir inúmeras vezes, me sentia exausta e ainda tinham as atividades acadêmicas. Sentimento esse, superado a cada nova aula/encontro, pois esses momentos tornaram-se o lugar em que extravasávamos



nossas dores da Pandemia e as frustrações com as excessivas demandas de trabalho.

A experiência vivida com a execução das oficinas programadas foram ocasiões em que pude esclarecer muitas dúvidas, tratar assuntos que eu gostava e sentia necessidade de aprofundar, da realidade escolar. Aprendi em todos os momentos de ensino, nas trocas de experiência com as formadoras e colegas, fazendo atividades, participando de dinâmicas e avaliações que nos faziam refletir a prática o tempo inteiro.

Participar do curso me permitiu refletir sobre a importância do cotidiano da escola e de minhas práticas, possibilitou ver onde estou acertando, conhecer os desafios reais que preciso enfrentar e que precisam ser superados. Sinto-me uma pedagoga pesquisadora que tem a responsabilidade de coordenar a construção coletiva do projeto formativo da escola, todos os anos como uma atividade inserida em nosso Projeto Político Pedagógico.

Em um dos encontros coletivos de gestores na DDPM, conheci toda a equipe de profissionais das OFS e entendi a logística, a magnitude do projeto, quantas pessoas eram necessárias para que o curso de Especialização chegasse até as escolas e proporcionasse a formação em serviço esperada por nós, fiquei maravilhada e isso me fez motivar cada vez mais a equipe da minha escola.

Quero ressaltar que por meio dos encontros formativos e das ricas metodologias utilizadas com as formadoras da equipe da GOTP, pude pela primeira vez em toda minha vida profissional, me auto analisar como pedagoga, foi marcante e muito significativo para mim enxergar o quanto cresci e ainda quero crescer para continuar enfrentando os desafios para termos práticas cada vez mais democráticas, participativas e inclusivas, em que todos importam e têm o direito de participar.

Ao finalizar o curso, me sinto grata por ter feito parte desse projeto e ter convivido com todos os formadores, em especial a Samara e Rosana que foram



extremamente competentes e dedicadas ao trabalho, me proporcionando novas aprendizagens que ficaram marcadas em minha vida profissional.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. **Professores Reflexivos numa Escola Reflexiva**. 3.ed. São Paulo: Cortez. 2004.

ALVES, Nilda. **Redes educativas, fluxos culturais e trabalho docente – o caso do cinema, suas imagens e sons**. Rio de Janeiro: ProPEd/UERJ, 2011. (Projeto de pesquisa, entre 2012 e 2017; financiamento: UERJ, FAPERJ, CNPq).

CERTEAU, Michel de. GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2, morar, cozinhar**. Petrópolis: Artes de Fazer, 1996.

CONDINI, Martinho. **Fundamentos para uma educação libertadora: Dom Helder Câmara e Paulo Freire**. Pia Sociedade de São Paulo - Editora Paulus, 23 de jan. de 2015. FERREIRA, L. S. **Gestão do pedagógico: de qual pedagógico se fala? Currículo sem Fronteiras**, v. 8, n. 2, p. 176-189, jul./dez. 2008.

FREIRE, Madalena. **O papel do registro na formação do educador**. 2005. Disponível em: <http://www.pedagogico.com.br/edicoes/8/artigo2242-1>. Acesso em julho/20121.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 6. ed. Goiânia: Do Autor, 2013.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** [livro eletrônico] – 1. Ed. – São Paulo/Cortez, 2022.

MAGALHÃES, Samara O. **Formação Continuada de Professores, O Cotidiano e a Reflexão**. in: LIMA, Jociene de Jesus. NASCIMENTO, Simone do Socorro Freitas.



Formação Continuada: dos desafios aos impactos na atuação docente. Mogi Guaçu (SP): Beccalete, 2016. p.99-111.

NASCIMENTO, K. A. O. O trabalho do psicopedagogo institucional: experiência em uma escola de Teresina/PI. In: V FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA, 5., 2013. Santa Maria. *Anais...* Santa Maria: UFSM, 2013. p. 1-11.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas*, 2003. Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita.

SEMED. Currículo Escolar Municipal. Manaus, 2020.

STUBBS, Sue. Educação Inclusiva: onde existem poucos recursos. Trad. Ana Gigante. Editado por Ingrid Lewis. Oslo/Norway: Atlas Alliance, 2010.

WANZELER. Eglê B. P. ESTÁCIO. A. F; Marcos; MENEZES. Quitéria. A.
Universidadeescola e a Descolonização do Currículo de Formação de Professores e Professoras: complexidade, transdisciplinaridade e decolonialidade. Currículo sem Fronteiras, v. 21, n. 3, p. 1071-1090, set./dez. 2021.